

Voluntariado e solidariedade:

a força que transforma realidades



Cada vez mais, o voluntariado tem desempenhado um papel fundamental na sociedade, ajudando a suprir necessidades em áreas como saúde, educação, meio ambiente e assistência social. Em momentos de crise, essa rede de solidariedade se torna ainda mais essencial, demonstrando que, quando as dificuldades surgem, a empatia e o esforço coletivo podem fazer toda a diferença.

Nos últimos anos, eventos climáticos extremos têm se tornado cada vez mais frequentes, trazendo impactos devastadores para comunidades inteiras. Com a chegada do período chuvoso, o Brasil se depara, ano após ano, com tragédias causadas por enchentes, desmoronamentos e perdas irreparáveis.

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul viveu uma das piores enchentes de sua história. Os sistemas de contenção de cheias logo se mostraram insuficientes, e o cenário que se desenhou foi desolador: ruas e áreas rurais submersas, famílias inteiras desalojadas e cidades inteiras devastadas. O número de desabrigados cresceu rapidamente, passando de dezenas para milhares, obrigando a mobilização urgente de abrigos, suprimentos e apoio humanitário. A destruição foi avassaladora, com danos irreversíveis em estradas, pontes, lavouras e infraestruturas essenciais. Além das perdas humanas, milhares de animais também foram vítimas da tragédia.

A memória de um desastre e o poder da solidariedade

Diante da catástrofe, o que se destacou foi a força do voluntariado. Pessoas menos atingidas se organizaram para ajudar, distribuindo alimentos, água potável e outros itens básicos de sobrevivência. O espírito de cooperação tornou-se a esperança para muitas famílias que perderam tudo.

O economiário aposentado **Renato Mendes Jardim**, de Porto Alegre, foi um dos muitos voluntários que atuaram no resgate e auxílio às vítimas. Ele e mais quarenta escritores transformaram suas experiências em palavras, registrando suas emoções e percepções no livro "*A Grande Enchente de 2024*", uma publicação da Oficina de Criação Literária de Alcy Cheuiche – APCEF/RS. O livro não apenas documenta os eventos e suas consequências, mas também serve como um convite à reflexão sobre as mudanças climáticas, o impacto das ações humanas no planeta e, acima de tudo, a importância do espírito solidário e do trabalho coletivo.

A seguir, apresentamos "O Menino do Casaco Amarelo", um emocionante conto escrito por Renato Mendes Jardim, que relata uma de suas vivências marcantes durante o trabalho de ajuda aos desabrigados.

O Menino do Casaco Amarelo

Renato Mendes Jardim

Canoas, sábado, 4 de maio de 2024, 16 horas.

— *Mana, te apressa, pô. A água tá vindo forte e já tá na rua aqui perto – diz Lucio.*

Aflita, Isa grita de outro cômodo:

— *Já vou! Me dá um minuto pra colocar algumas coisas na mochila.*

Quando ela entra no carro, solta um grito de horror:

— *Corre, mano, pelo amor de Deus! Há uma onda gigante aí atrás. É uma onda furiosa, desaguando sem limites na sua escuridão devastadora.*

— *Pisa, pisa!*

Lucio torna o Gol num carro de rally, derrapando na rua enlameada, segurando o volante em zigue-zague. Um piloto de Fórmula 1 se formando no caos.

— *Ela tá diminuindo, tá parando – diz Isa, aos prantos. Próximo de onde eles moram, dezenas de casas, carros e lojas sucumbem totalmente às águas vorazes.*

Enfim, Lucio e Isa alcançam uma área segura, onde são acolhidos por um grupo de apoio aos sobreviventes. Eles comemoram, com um abraço emocionado, de dois irmãos que evitaram a tragédia iminente.

Três horas depois...

Lu vai até o alçapão que dá acesso à laje. Tem o bebê no colo. Com o fio de luz do celular, vê que só há dois degraus de escada para a água chegar ao terraço. Ouvem-se falas, como: Eu com oito meses de barriga, poderia ter ido no primeiro barco; Tomei minha última dose de insulina, agora pouco importa; Daqui a pouco vou me jogar na água e nadar até onde der. São dez pessoas inquietas, entre elas o sobrinho de Lu,

Abel. Todos estão cientes de que o telhado é a última cidadela que os separa de um trágico fim.

— *Abi, vamos começar a rezar. Não nos resta mais nada. Vamos pedir à Deus que seja breve.*

— *Tia, não!*

E o menino do casaco amarelo começa a pular, a abanar freneticamente os braços, a gritar. Um ou outro facho de luz passa ao longe. Quem sabe...

Em Porto Alegre, às dez horas da noite, recebo uma ligação desesperada:

— *Me ajuda, por tudo que é sagrado. É Isa, que suplica, entre soluços de dor*

— *O Abel não foi salvo, não voltarão mais lá, abandonaram os que ficaram. Perdi meu filho...*

Tento acalmá-la, dizendo que o socorro terá que voltar para resgatá-los, mas Isa recebera uma informação terrível.

— *Não! Eles disseram que é a última casa da rua... Que o acesso, a esta hora, é impossível sem luz... Tá tudo coberto de água.*

— *Isa, me escuta! Qual o endereço?*

— *Rua do Perpétuo Socorro, 704.*

Num átimo de segundo, me passa pela mente: O nome é promissor. Então, Isa lembra-se de um detalhe que pode ser decisivo.

— *Ele está com um casaco amarelo, desses que refletem na luz.*

— *Fica calma, por favor. Vou fazer todos os esforços possíveis para que alguém chegue lá. Preciso ligar.*

Após horas de tentativas aflitas e diversos contatos, conseguimos, por dois colegas e pela Defesa Civil, que um barco da Marinha parta para o labirinto de telhados e canais de uma Veneza sinistra, cujas águas e os céus se fundem na escuridão.

Navegam sobre carros submersos e animais mortos que boiam nas águas escuras e desobedientes. Na proa do barco, um marinheiro varre as ruas com um holofote, quando recebe de volta um reflexo amarelo...

Uma hora depois, com todos salvos, Isa abraça e beija Abel, ainda vestido com o casaco salvador. E agradece a Deus por permitir que seu filho tenha sido um farol na noite mais escura de suas vidas.